



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FRANCISCA DE ASSIS DE SOUSA

**O TRABALHO DOCENTE E A FORMAÇÃO PARA O MERCADO: UMA ANÁLISE
DA PRÁTICA DOCENTE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE IPIRANGA-
PI.**

PICOS – PI
2017

FRANCISCA DE ASSIS DE SOUSA

**O TRABALHO DOCENTE E A FORMAÇÃO PARA O MERCADO: UMA ANÁLISE
DA PRÁTICA DOCENTE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE IPIRANGA-
PI.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia da Universidade Federal do
Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros,
como requisito necessário para obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Romildo de Castro Alves.

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725t Sousa, Francisca de Assis de.
 O trabalho docente e a formação para o mercado: uma
 análise da práxis docente nas escolas da cidade de Ipiranga-PI /
 Francisca de Assis de Sousa.– 2017.
 CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (56 f.)
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017.
Orientador(A): Prof. Me. Romildo de Castro Alves

1. Gestão Escolar. 2.Trabalho Docente. 3. Formação
para o trabalho. I. Título.

CDD 370.71

FRANCISCA DE ASSIS DE SOUSA

O TRABALHO DOCENTE E A FORMAÇÃO PARA O MERCADO: UMA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE IPIRANGA-PI.

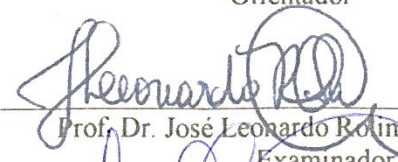
Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

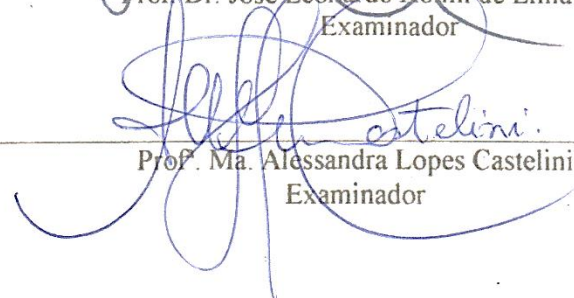
Orientador: Prof. Me. Romildo de Castro Alves.

Aprovado em: 21/02/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Romildo de Castro Alves
Orientador


Prof. Dr. José Leonardo Rolim de Lima Severo
Examinador


Prof. Ma. Alessandra Lopes Castelini
Examinador

PICOS-PI

2017

Dedico este trabalho:

A meus pais Inácio Batista de Sousa e Maria das Graças de Sousa. A meu amor: Mauricio Almeida Leal Pereira, pelo amor, compreensão e apoio, A meus irmãos, Maria Antônia de Sousa, Pedro Batista de Sousa, Maria do Amparo de Sousa, Ilza Batista de Sousa, Josefa Íris de Sousa, Idinar Batista de Sousa, Gnide Márcia de Sousa e Antônio Maciel de Sousa, meus sobrinhos, Louise, Thaína, Thanise, Thatila, Thayson, Irla, Kleber, Lucas, Marcos Antônio, Levi, Klesley, Carlos Ytalo e amigos, principalmente os colegas de classe e demais parentes que muito me incentivaram e apoiaram para a conclusão do curso.

AGRADECIMENTOS

Á **Deus**, que sempre esteve junto a me, iluminado o meu caminho e me dando força para não desistir, por mais difícil que fosse a caminhada.

Ao professor orientador, **Me. Romildo de Castro Araújo** que deu todo seu apoio e incentivo, para que o trabalho fosse concluído.

Ao meu Amor, **Mauricio Almeida Leal Pereira** que sempre me faz aterrissar e enxergar a realidade de forma mais intensa e principalmente pela força e dedicação, e, por está sempre ao meu lado me dando amor, compreensão, carinho e apoio ao longo dessa jornada.

A todos os meus familiares, em especial aos **meus pais, Inácio Batista de Sousa e Maria das Graças de Sousa, a minha irmã Gnide, a meu sobrinho Thayson Victor e a minha prima Trindade Santos Sousa**. Que estiveram sempre ao meu lado e que contribuíram para que eu alcançasse este objetivo. E, em especial, **aos professores pesquisados**, pela disponibilidade e disposição.

Aos meus amigos de curso em especial a **Daniela, Ana Paula, Nayara, Miriam e Renata**, pela amizade, respeito e também pela corrente de otimismo que incentivaram a realização dessa produção histórica.

A todos aqueles que direta ou indiretamente deram sua contribuição para que esse trabalho fosse concluído

Práxis é a “atividade livre, universal, criativa e auto criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz) e transforma (conforme) seu mundo humano e histórico a si mesmo”. [...] A relação entre teoria e práxis é para Marx teórica e prática, prática na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica, na medida em que essa relação é consciente.

(Dicionário Marxista).

Sendo assim, “toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis”.

(Vasquez).

RESUMO

O estudo da práxis docente no ensino, advindas da sociedade capitalista, é, pois de fundamental importância para compreender como se realiza a gestão do trabalho docente, na rede pública municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade. Condições de trabalho que garantam a qualidade de vida docente são requisitos essenciais para que este possa ensinar e aprender de forma significativa. Diante disso, a pesquisa buscou analisar a gestão do trabalho docente e, mais ainda, identificar os fatores que indicam a existência da práxis docente no trabalho docente na rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, reconhecendo assim, os sentidos que os professores encontram na práxis docente na escola no tocante a formação para o trabalho. O estudo adotou a abordagem exploratório-qualitativa através da pesquisa de campo. Na coleta de dados utilizou-se um roteiro de entrevista estruturado, aplicado aos professores. A pesquisa foi fundamentada nas ideias de autores como: Frigotto (2001), Hypólito (1997), Marx (1982) Paro (2012), Vasquez (1977), dentre outros. Os resultados obtidos mostram que a gestão do trabalho docente na cidade de Ipiranga-PI, no viés, da práxis docente atual tem-se prestado apenas em preparar os cidadãos para o trabalho, posto que a profissão docente é desvalorizada e falta investimento por parte do poder público, de modo, que lhes possam assegurar condições dignas de trabalho e de sobrevivência. Além disso, verificou-se que a práxis docente não se efetiva de fato porque a escola e os docentes ainda não exercem plenamente a sua função social. A gestão do trabalho docente na cidade de Ipiranga-PI não se realiza de forma plena porque a escola ainda não exerce “verdadeiramente a sua função educativa”: preparar os sujeitos sociais para “viver bem” e para o “efetivo exercício da cidadania”.

Palavras-chave: Gestão escolar. Trabalho docente. Formação para o trabalho.

ABSTRACT

The study of teaching praxis in teaching, succeeding of capitalist society, is so in fundamental importance to comprehend how you realize the management of teaching work in municipality network of education in Ipiranga-PI presently. Conditions of job that guarantee the quality of lecturer life are essential request to that significative form. Before that, the search seeked to analyze the management of professor words and, yet more, identify the factors that indicate the existence of teaching praxis in teaching word in municipality net of education in Ipiranga city. Reknowing this way, the senses which teacher find in teaching praxis in school, concerning formation to the work. The study adopted the exploratory-qualitative approach through the field research. An of interview structured, was based in authers ideias like: Frigotto (2001), Hypólito (1997), Marx (1982), Paro (2012), Vasquez (1977), among others. The results gotten, show which the managing of professor work in Ipiranga town, in thought of praxis has been only to prepare citizers to the job, although the academic profession is devalned and fails investment coming from public administration, so that can assure it dignified conditions of work and survival. Besides, it was verified which the teaching praxis in not effective in fact because school and teacher not yet exert completely their social role. The geston of the docent job in Piauí Ipiranga town doesn't happen in full way due school doesn't "execute yet truly its educational function": to prepare the individual to live well and to the "effective exercise of citizenship".

Keywords: School management. Lecturer word. Formation to job.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 REFERENCIAL TEÓRICO | 12 |
| 1.1 O TRABALHO HUMANO: BREVE LEITURA DE MARX | 12 |
| 1.2 O TRABALHO DOCENTE NA ATUALIDADE: TRANSBORDAMENTOS E CONFLITOS | 16 |
| 1.3 A GESTÃO DO TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA..... | 20 |
| 1.4 O TRABALHO DOCENTE E A FORMAÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO | 25 |
| 2 METODOLOGIA..... | 29 |
| 2.1 TIPOS DE PESQUISA..... | 29 |
| 2.2 UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA..... | 30 |
| 2.3 FONTES DE PESQUISA | 30 |
| 2.4 COLETA DE DADOS | 30 |
| 2.5 TRATAMENTO E CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS | 31 |
| 2.6 ANÁLISE DOS DADOS | 31 |
| 3 RESULTADOS DA PESQUISA | 32 |
| 3.1 GESTÃO DO TRABALHO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE IPIRANGA-PI, NA ATUALIDADE. | 32 |
| 3.2 FATORES QUE INDICAM A EXISTÊNCIA DA PRÁXIS DOCENTE NO TRABALHO DOCENTE NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DA CIDADE DE IPIRANGA-PI, NA ATUALIDADE. | 35 |
| 3.3 RECONHECENDO SENTIDOS: POR QUE FORMAR PARA O TRABALHO? | 39 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 43 |
| REFERÊNCIAS | 45 |
| APENDICE I | |
| APENDICE II | |

INTRODUÇÃO

A escolha da temática foi com o intuito de realizar uma investigação sobre a gestão do trabalho docente, discutindo a práxis¹ docente no ensino, na rede pública municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade, ascendido e proporcionado pelo estudo da disciplina de Fundamentos da Administração na Educação ministrada pelo Professor Dr. José Leonardo Rolim de Lima Severo, aprimorado ainda, pela disciplina Prática e Pesquisa Educativa II-TCC ministrada pelo professor Me. Romildo de Castro Araújo, mais precisamente na exposição dos trabalhos de Paro e Karl Marx, sobre educação. Ainda por ser um tema que diz respeito aos saberes e fazeres da futura profissão da pesquisadora.

Outro fator que fez emergir o interesse pelo assunto foi porque apesar da práxis docente no ensino se fazerem presente no cotidiano das escolas da cidade, sua verdadeira função social passa despercebida aos olhos da sociedade e, até o presente momento, não havia despertado em alguém o interesse de se aprofundar sobre o tema.

Nesse viés, o presente trabalho tem grande relevância por abordar um tema recente e em constante debate, como forma de enfatizar a importância da gestão do trabalho docente na politização dos sujeitos sociais para que estes mediante a realidade do mundo fabril possam ter os seus direitos assegurados e efetivados.

O município de Ipiranga-PI situa-se no centro-sul do Piauí, em uma macrorregião considerada economicamente desenvolvida. O sistema educacional do estado do Piauí tem destaque na região nordeste, segue o mesmo modelo educacional veiculado em todo o país. Esta produção científica vai buscar conhecer a gestão do trabalho educativo e, mais ainda, identificar os fatores que indicam a existência da práxis docente no trabalho docente na rede pública municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, reconhecendo assim, os sentidos que os professores encontram na práxis docente na escola no tocante a formação para o trabalho.

A partir do contato direto, da observação e das respostas apresentadas nos questionários e entrevistas será possível perceber se a práxis docente e educativa adotada nas escolas públicas de Ipiranga-PI oferecem condições que garantam a tão almejada educação de qualidade, e, que de fato assegure e atenda de forma satisfatória as necessidades dos cidadãos como um todo, já que segundo a Constituição, é um direito de todos.

¹ A práxis é uma atividade determinante, pois possibilita enfrentar novas necessidades, situações, criando novas soluções; estabelece-se pelo diálogo constante entre o “problema” e suas soluções; não implica modelos prévios, o “caminho se constrói ao andar”; seu caráter é processual; supõe uma íntima relação entre as dimensões subjetivas e objetivas; entre o “planejado”, “pensado” e o “executado”, “realizado”; é sempre única, irrepetível. Dizendo de outro modo, a práxis refere-se a um elevado grau de consciência envolvido na atividade prática. Supõe a “reflexão sobre a prática”. É consciência da práxis. Tem caráter transformador (VASQUEZ, 1977, s/p.).

A práxis docente e educativa no ensino aumenta a capacidade de produção humana, ou melhor, de sua produtividade por meio de especialização e, especialmente, da formação “omnilateral” do homem, ou seja, do conhecimento adquirido sobre os saberes e fazeres humanos para que estes possam viver dignamente no mundo capitalista.

As escolas comprometidas com a transformação social devem adotar uma práxis docente que desenvolva na prática o ensino-aprendizagem de forma significativa no educando, garantindo-lhes uma nova visão sobre a ordem vigente (o educando educado e conhecedor do mundo passa a enxergar a realidade de outra forma, adquirindo uma visão distinta daquela que possuía ao ingressar no ensino).

Nota-se que com a adoção dessa prática a escola volta a ser de direito, pois os alunos serão socialmente e/ou historicamente educado e apresentarão conhecimento efetivo sobre a realidade que o cerca, sendo, portanto, capaz de transformá-la. Este se torna ao mesmo tempo sujeito e objeto do processo produtivo porque é consumidor, detentor e produtor de conhecimento ao longo do processo educativo. Frente a esta realidade, surgiu a ideia deste trabalho que pretende responder ao seguinte questionamento: como se realiza a gestão do trabalho docente na cidade de Ipiranga-PI?

Para tanto, foi feita uma análise da gestão do trabalho docente, na qual foi preciso caracterizar seus saberes e fazeres, analisar a sua percepção acerca das condições de trabalho, e ainda, verificar que elementos a profissão docente agregam a práxis docente na escola no tocante a formação para o trabalho. Após a coleta de dados, realizou-se à transcrição das vozes dos entrevistados, posteriormente, à análise dos resultados e por fim a exposição das considerações finais.

Este trabalho está dividido em três capítulos e considerações finais. O primeiro capítulo apresenta conceitos e ideias defendidas por autores que possuem estudos em torno da gestão do trabalho docente e da formação para o mercado de trabalho. O segundo capítulo expõe a metodologia adotada nesta produção científica.

O terceiro capítulo é voltado para a discussão da gestão do trabalho docente no município de Ipiranga-PI, na atualidade. Para tanto, é confrontada a literatura existente com os dados coletados por meio das entrevistas concedidas pelos professores da rede municipal de educação local.

Nas considerações finais, apresenta-se uma breve discursão da pesquisa desenvolvida, essencialmente fundamentada na análise crítica sobre a práxis docente na profissão docente sob o viés do modelo fabril que acaba levando os rumos da educação apenas para o mercado de trabalho.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O TRABALHO HUMANO: BREVE LEITURA DE MARX

A sociedade capitalista atual exige que o homem viva em constante processo de formação e qualificação pessoal e profissional para que possa atender as demandas do mercado de trabalho, de tal modo, que lhe assegure o direito de viver dignamente. Ao longo da história, a racionalidade humana tem permitido ao homem adequar-se e transformar a realidade que o cerca e, o trabalho previamente adquirido pelo conhecimento mostrou-se ser a forma mais eficaz e eficiente na satisfação das necessidades pessoais e profissionais do homem contemporâneo.

Nesse sentido, faz-se necessário conferir que de acordo com a etimologia, a palavra "trabalho" advém do latim *tripalium* (ou *trepalium*), instrumento de tortura formado por três paus (*tri + palus*), suplício pelo qual os escravos passavam para aumentarem a produtividade. O trabalho é, pois, toda e qualquer atividade ou meio produtivo-improdutivo-produtivo humano com o qual este busca atender satisfatoriamente as suas necessidades básicas e supérfluas, deixando assim, sua vida mais cômoda e, como diria Marx:

O trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio 'desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio. Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. O estado em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho deixou para o fundo dos tempos primitivos o estado em que o trabalho humano não se desfez ainda de sua primeira forma instintiva. Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem (Marx, 1982, p. 297).

Seguindo esta linha de pensamento Marx (1982) a respeito do trabalho humano, pode-se dizer que, o homem se faz homem na e pela relação com o trabalho, ou melhor, o trabalho é o elemento fundante do homem. Nesse viés, o trabalho é, pois, essencialmente humano, ou melhor, "a essência humana é um feito humano", "o trabalho", e, este é, pois, um processo histórico que:

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana (Idem, *ibidem*).

Nas precisas lições de Marx (1982), a ideia abstrata do homem autocriado pelo trabalho, concretizava-se na observação da sociedade burguesa atual, aonde se veicula a relação de trabalho entre as classes antagônicas (burguesia e proletariado) na busca de atender satisfatoriamente suas necessidades materiais através das forças produtivas e dos modos de produção que advêm das relações que os seres humanos estabelecem entre si.

Para Marx (1982), o trabalho advindo da sociedade capitalista estabelece a divisão das classes sociais (forças produtivas e donos dos meios de produção), já que esse modo de produção pauta-se no aumento da produtividade (lucro e propriedade privada dos meios de produção) e no atendimento das demandas do mercado, de tal modo que:

O processo de produção do ponto de vista do processo de trabalho, o trabalhador se comportava para com os meios de produção não como capital, mas como simples meio e material para sua atividade produtiva racional. Num curtume, por exemplo, trata as peles como mero objeto de seu trabalho. Não é ao capitalista que ele curte a pele. Tudo é diferente quando observamos o processo de produção do ponto de vista do processo de valorização. Os meios de produção transformaram-se imediatamente em meios para a absorção de trabalho alheio. Não é mais o trabalhador quem emprega os meios de produção, mas os meios de produção que empregam o trabalhador. Em vez de serem consumidos por ele como elementos materiais de sua atividade produtiva, são eles que o consomem como fermento de seu próprio processo vital, e o processo vital do capital consiste apenas em seu movimento como valor que valoriza a si mesmo (Idem, *Ibidem*).

De acordo com a citação acima fica evidente que o trabalho é fruto da sociedade de seu tempo, tendo em vista que, a sua função é atender de forma concreta e significativa as necessidades da sociedade como um todo, e conforme as premissas de Marx (1982), este assume duplo papel: por um lado é meio e matéria do processo produtivo e, já pelo outro, tornar-se-ia consumidor dos meios de produção. Para tanto, Marx (1982) afirma que:

A produção capitalista não é apenas a produção de mercadorias, é essencialmente a produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem que produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital (Idem, *Ibidem*).

Percebe-se que o homem contemporâneo ver se cada vez mais obrigado a autovalorização do capital, posto que, o mundo capitalista no qual ele encontra-se inserido exige que este viva em constante processo de transformação para que possa atender satisfatoriamente as necessidades do mercado de trabalho, garantindo assim, a sua sobrevivência.

Nesse viés, no contexto produtivo contemporâneo o trabalho na forma de emprego tornou-se a fonte de sustento material do homem, já que este está, querendo ou não, ou não condicionado ao mundo do trabalho, a fim de assegurar a manutenção de sua vida ao longo do processo de socialização.

De acréscimo, pode-se destaca que o trabalho na sociedade capitalista atual, apresenta-se com permanências e rupturas, tendo em vista que, houve uma reestruturação produtiva através da substituição do clássico modelo taylorismo-fordismo pelos padrões de acumulação flexível, aumenta assim, a diferenciação entre as classes sociais e elevando o desemprego, em contrapartida, houve um significativo aumento no grau de instrução da classe trabalhadora.

Marx (1982) assevera que:

Dentro do processo de produção, o capital evoluiu para o comando sobre o trabalho, isto é, sobre a força de trabalho em atividade, ou seja, sobre o próprio trabalhador. O capital personificado, o capitalista, cuida de que o trabalhador execute seu trabalho ordenadamente e com o grau adequado de intensidade. O capital evolui, além disso, para uma relação coercitiva que obriga a classe trabalhadora a executar mais trabalho do que exigia o estreito círculo de suas próprias necessidades vitais. E como produtor de laboriosidade alheia, extrator de mais-trabalho e explorador da força de trabalho, o capital supera em energia, exorbitância e eficácia todos os sistemas de produção anteriores baseados em trabalho forçado direto. De início, o capital submete o trabalho ao seu domínio nas condições técnicas em que o encontra historicamente. Não altera, portanto, imediatamente o modo de produção. A produção da mais-valia na forma observada até agora, mediante simples prolongamento do dia de trabalho, parecia, por isso, independente de qualquer mudança do próprio modo de produção (Idem, *Ibidem*).

Na conjuntura capitalista, o trabalho em Marx (1982), mostrou-se ser a única forma pela qual o homem garante suas necessidades vitais, no entanto, este sistema econômico expropria dos seres humanos, no caso dos trabalhadores, o direito destes de usufruírem de todos os bens que produz, já que o objetivo central é a produção de mais-valia para os donos dos meios de produção.

Na atualidade, o homem se vê obrigado a atuar em várias instituições, de modo que, as condições salariais venham lhe assegurar de forma satisfatória as necessidades advindas da sociedade a qual pertence. Nesse sentido, Marx (1982) estabelece que há uma combinação da educação com o trabalho, inclusive por considerá-lo de fundamental importância a existência econômica, social, psicológica e moral do homem, em qualquer tempo, pois o homem é por natureza um ser em acabamento, que vai se fazendo homem (vai se socializando) desde criança até a terceira idade.

Marx ao Defender a combinação entre trabalho produtivo e educação, fez a seguinte concepção de instrução:

Por instrução nós entendemos três coisas: 1. Educação intelectual. 2. Educação corporal, tal como a que se consegue com os exercícios de ginástica e militares. 3. Educação tecnológica, que recolhe os princípios gerais e de caráter científico de todo o processo de produção e, ao mesmo tempo, inicia as crianças e os adolescentes no manejo de ferramentas elementares dos diversos ramos industriais. A divisão das crianças e adolescentes em três categorias, de nove a dezoito anos, deve corresponder a um curso graduado e progressivo para sua educação intelectual, corporal e politécnica. Os gastos com tais escolas politécnicas serão parcialmente cobertos com a venda de seus próprios produtos. Esta combinação de trabalho produtivo pago com a educação intelectual, os exercícios corporais e a formação politécnica elevará a classe operária acima das classes burguesa e aristocrática (1983, p.60).

Sendo assim, pode-se dizer que:

O trabalho em sua forma humana é, pois, a *mediação* que o homem necessita para construir-se historicamente. A centralidade do trabalho na sociedade está precisamente em seu poder de explicação dessa sociedade e da história, não podendo, entretanto, ser confundido com a razão de ser e o objetivo último do homem enquanto ser histórico. O trabalho possibilita essa historicidade, não é a razão de ser dela. O trabalho é central porque possibilita a realização do *bem viver*, que é precisamente o usufruir de tudo que o trabalho pode propiciar. A não compreensão dessa distinção pode levar muitos a confundir os momentos, numa posição carrancuda que só vê virtudes no esforço insano das camadas trabalhadoras em seu papel de carregar o mundo nas costas, ao mesmo tempo que desenvolve comportamentos preconcebidos com relação ao tempo de não-trabalho ou ao gozo do ócio (PARO, 2000, p. 6).

A escola é, pois, o lócus em que o cidadão deve ser instrumentalizado intelectualmente de modo que possa transformar a realidade do mundo do trabalho, para que não lhes incubem

o dever de carregar a sociedade nas costas, posto que, o homem tem o direito de usufruir de todos os frutos de seu trabalho, e não apenas de trabalhar em prol do usufruto de outrem.

A educação possibilita a inserção politizada das forças produtivas ao mercado de trabalho, ou melhor, é através do conhecimento que a classe trabalhadora se ascende de forma não alienada no mundo mercadológico, a fim de transformar a realidade que o cerca, posto que a junção de trabalho e instrução em Marx (1983) tinha por finalidade não apenas o aumento da produtividade, mais especialmente, propiciar aos homens um desenvolvimento integral de todas as suas potencialidades.

1.2 O TRABALHO DOCENTE NA ATUALIDADE: TRANSBORDAMENTOS E CONFLITOS

O trabalho docente na atualidade tem a incumbência de romper com os paradigmas do ensino tradicional e formar cidadãos críticos e reflexivos sobre a realidade na qual se encontram inseridos, ou melhor, o professor deve atuar de modo que possa promover a apropriação de saberes, procedimentos, atitudes e valores por parte dos alunos.

O professor é, pois, fruto de seu trabalho e de suas experiências e não pode ser um mero executor de saberes e fazeres, ele deve exercer suas funções e articular teoria/prática/crítica em relação ao aluno, à escola, à sua profissão e à sociedade. De tal modo que, venha a atuar enquanto pessoa e profissional da educação em prol da formação contínua e adequada de se próprio e dos sujeitos sociais ao qual lhe foi atribuída à função de educá-los.

Ratifica-se a ideia de Frigotto (1984) ao conceber que o trabalho docente imediatamente improdutivo é mediamente produtivo, visto que, o professor deve atuar em prol do pleno desenvolvimento dos educandos para que estes possam exercer sua cidadania em consonância com a sua inserção e transformação do mercado de trabalho.

Percebe-se que o trabalho docente é uma atividade intelectual que em si, é por natureza improdutivo, já que o professor é um prestador de serviço, mas é através do conhecimento que o homem, na sociedade capitalista tornar-se-ia um ser produtivo, ou melhor, acredita-se que o homem só consegue se inserir no mercado de trabalho e adquirir um salário caso tenha qualificação pessoal e profissional, saberes estes alcançados mediante o conhecimento por este adquirido no processo de humanização.

Seguindo essa linha de pensamento Hypólito (1997) diria que:

A passagem do controle público da educação e da escola, regido pela sociedade (político), para o controle privado (econômico), diretamente regido pelo mercado, segundo os preceitos do neoliberalismo, provoca uma redução da autonomia relativa da educação em relação à economia. A escola passa a ser mais diretamente regulada pelas regras do mercado e da economia e sua organização cada vez mais é regida e avaliada por critérios “técnicos” de eficiência e produtividade (HYPOLITO, 1997 p. 12).

Corroborar-se com o pensamento de Hypólito (2013) ao afirmar que o trabalho docente “enquanto partícipe da acumulação mediata do capital poderia ser considerado como produtivo”. E mais ainda, ao Salientar que o processo de trabalho escolar está permeado pela lógica capitalista e o “modelo de organização vigente tende, mesmo que com novas conformações, a ser generalizável e dominante em nossa sociedade”.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a ação ou prática docente nos moldes capitalista é ao mesmo tempo uma práxis imaterial (formação social do aluno) e material (salário), já que, na atualidade, o conhecimento é a força motriz para ascensão do homem às práxis docentes, ou melhor, ao mercado de trabalho do mundo mercadológico. Logo, à medida que a profissão de professor é desvalorizada, este é obrigado a tornar-se um ser produtivo, visto que, precisa garantir a manutenção de suas necessidades vitais. E conforme Frigotto:

[...] o campo educativo, da escola básica à pós-graduação, no quadro do ajuste global, é, então, direcionado para uma concepção produtivista e mercantilista, cujo papel é desenvolver habilidades de conhecimento, de valores e de gestão da qualidade, definidas no mercado de trabalho, objetivando formar em cada indivíduo um banco ou reserva de competências e habilidades técnicas, cognitivas e de gestão que lhe assegure empregabilidade (FRIGOTTO, 2001, p. 64).

Pode-se dizer, então que à medida que a categoria profissional aumenta quantitativamente, tornando-se assalariada, reduz-se seu prestígio social, sua autonomia e o controle sobre seu próprio trabalho, ou melhor, com a perda do prestígio social e do domínio sobre a totalidade do seu trabalho, o professor sofre um processo de desprofissionalização e consequente proletarização (Hypólito, 1997).

Nesse sentido, Hypólito pressupõe que:

O trabalho docente refere-se, a meu ver, às formas de controle do conhecimento sobre o que ensinar e como ensinar. O capitalismo tenta freneticamente controlar o saber docente e o conhecimento escolar, a fim de transformar em mercadoria – na forma de materiais didáticos e métodos de

ensino – tudo aquilo que é produzido pela atividade e pela prática docente, ou melhor, o trabalho docente e a prática pedagógica tendem a ficar subordinados ao mercado (HYPOLITO, 2013, p.14).

O capitalismo visando à manutenção da ordem vigente, ou melhor, dos interesses burgueses acaba por “determinar e controlar” o saber docente e o conhecimento escolar. Logo, cabe ao professor criar mecanismos e estratégias para romper com as amarras impostas pelos donos dos meios de produção, a fim, de que possam promover um ensino em prol de todas as classes sociais.

Em consonância com o exposto acima Vieira, F.S.; Fonseca, M.S. afirma que:

O trabalho docente envolve a relação entre saberes e condutas; relação esta que está na base da ação educativa, haja vista que a socialização e/ou produção de saberes implica a formação de determinadas condutas humanas. Entretanto, se a natureza do trabalho docente pode ser pensada a partir da relação saber-conduta, não é possível ignorar tanto o contexto sóciopolítico-cultural onde ele ocorre quanto a atividade desenvolvida pelo professorado em seu cotidiano e como ela é representada (VIEIRA, J.S.; FONSECA, M.S, 2010, p. 10).

Vieira, F.S.; Fonseca, M.S ainda acrescenta que:

O trabalho docente implica a socialização/produção de saberes e condutas em relações sociais complexas, é mister considerar que a forma, o conteúdo, as matérias, os métodos, as técnicas de trabalho e os instrumentos precisam ser adaptados àquelas relações, sendo a prescrição apenas uma pequena parte daquilo que informa sua natureza, pois a ação dificilmente pode ser antecipadamente pelo contexto. O trabalho docente é assim analisado como um trabalho no qual está implicada a ação, a cognição e a emoção, fazendo com que as situações e as interações locais dependam de seus agentes (docentes e discentes), mesmo que os conhecimentos e condutas sejam especificados pelos contextos. As atividades sociais dos agentes precisam ser negociadas e relacionadas às suas experiências e formação. Isso indica que o trabalho docente, concomitante à sua dimensão social, é também um trabalho emocional (VIEIRA, 2010, p.4).

Nota-se que o docente como um agente de transformação social deve atuar de acordo com o contexto sócio-político-cultural ao qual faz parte, visto que, o domínio do conhecimento, tem por base a produtividade educativa, e mais ainda, pauta-se nos moldes de produção capitalista (modelo este, que se tornou o fator condicionante ao desenvolvimento ou crescimento do país e, mais especificamente, individual e social do homem). Sendo assim, em

prol dessa transformação social, compete ao docente garantir a efetivação do conhecimento aos cidadãos como um todo.

O professor é, pois, o produto da sociedade a qual pertence, mas não necessariamente é produtor dos saberes e fazeres burgueses em detrimentos da cultura da classe dominada, mas já que a educação no mundo capitalista assume duplo papel: reprodutora ou transformadora da ordem vigente cabe ao docente como agente de transformação social formar cidadãos capazes de viver dignamente e de transformar a sociedade a qual faz parte.

A docência é uma atividade que visa à construção de novos saberes e fazeres aos sujeitos sociais da classe trabalhadora para que estes possam exercer satisfatoriamente a sua função social, de tal modo que, dinamizem assim, as relações estabelecidas entre as classes sociais.

Segundo Hypólito a profissão docente hoje:

[...] longe de ser uma ocupação secundária ou periférica em relação à hegemonia do trabalho material”, o trabalho docente por ser, ao mesmo tempo, cognitivo e interativo “constitui uma das chaves para a compreensão das transformações atuais da sociedade do trabalho (HYPÓLITO, 2013, p.12).

A profissão docente, na atualidade se configurado por essência em um mecanismo de saberes e fazeres que visa atender satisfatoriamente a sociedade do trabalho, uma vez que o homem contemporâneo deve estar apto às dinâmicas e transformações sociais a qual pertence.

Para tanto, Duarte assevera que:

O trabalho docente é parte da totalidade constituída pelo trabalho no capitalismo, estando submetido, portanto, à sua lógica e às suas contradições. A sociedade capitalista é recortada por múltiplas dinâmicas específicas da organização produtiva, do sistema político e social, do conhecimento, da tecnologia, de gênero, etc. Nessa perspectiva, se constroem as dinâmicas sociais, que são as formas de organização social, as estruturas particulares de processos mais gerais. Muitas dessas dinâmicas se entrecruzam no espaço escolar (DUARTE, 2006, p.6).

Duarte (2006) evidencia que o trabalho docente deve ser analisado como parte constitutiva do processo produtivo a que serve, dado que, na sociedade capitalista pressupõe atividades voltadas para atender as suas demandas e interesses. Logo, essa dinâmica social veicula-se a todas as formas de organizações sociais, mas, vale ressaltar que, a função social do professor é promover o conhecimento, transformando assim, a sociedade.

Nesse direcionamento, pode-se afirmar que o trabalho docente é hoje multifuncional, pois cabe ao professor dominar e executar diversas habilidades e competências, em si mesmo, e, nos educandos. Partindo desse pressuposto, Silva afirma que:

O professor, atualmente, além de dominar os conteúdos de ensino, precisa ser também um facilitador de aprendizagens, saber administrar conflitos, cuidar do equilíbrio emocional e psicológico dos alunos, administrar o tempo, organizar e variar atividades, atender a comunidade e atualizar-se constantemente para não se tornar desatualizado diante das transformações no contexto social que demandam inovações educacionais (ESTEVE (1999) apud SILVA (s/d)).

Na atualidade, atribui-se inúmeros afazeres ao professor que exige que este seja eficaz e eficiente na hora de executá-los para que não venha reproduzir a cultura dominante como sendo da coletividade, alienando assim, a classe trabalhadora.

Percebe-se que pressionado pela cultura do desempenho, que valoriza aspectos como eficiência e eficácia, “o trabalho docente se vê cada vez mais influenciado pela lógica das competências e diante dessa realidade, exige-se que o professor busque novos índices de produtividade e (re)qualificação constante” [...] (Fidalgo (2009) apud Silva(s/d)) .

O trabalho docente, de modo geral, assim como, a sociedade, é inacabamento, e, conseqüentemente seus saberes e fazeres são inacabamentos e serão aperfeiçoados, qualificados e dinamizados ao longo das suas ações-práticas-ações, ou melhor, na práxis em seu locus de trabalho e nas relações com os outros sujeitos sociais com os quais troca experiências, saberes e fazeres nas vivências cotidianas, almejando assim, a transformação social através do conhecimento.

1.3 A GESTÃO DO TRABALHO DOCENTE NA ESCOLA PÚBLICA

A gestão do trabalho docente na escola pública deve assegurar de maneira satisfatória o conhecimento aos cidadãos como um todo, para que estes possam acompanhar as transformações sociais inerentes à sociedade do conhecimento ou informacional na qual se encontram inseridos.

Nesse direcionamento, a gestão do trabalho docente necessita que o docente faça uso de suas próprias capacidades, de seus próprios recursos e de suas próprias escolhas para lograr que seu trabalho se realize. É assim que – “gerindo as infidelidades do meio – pode-se propor o termo gestão como um “uso de si” no trabalho, concebendo-o como uma ação que não se

restringe a alguns poucos “especialistas”, mas que é condição necessária para o professor viver no trabalho educativo” (MOURA, 2009, p. 7).

Sabe-se que o docente que atua nas instituições públicas faz uso de si, ou melhor, de seus próprios mecanismos e estratégias a fim de que o seu trabalho possa ser realizado de forma satisfatória, já que faz parte de um setor de serviços que se encontra defasado e deteriorado pelo reformismo quase sem reforma que se diz ser “em prol da qualidade do ensino”. Nesse sentido, Paro afirma que:

É preciso reconhecer que muitas políticas adotadas na área de educação têm procurado criar melhores condições de ensino nas redes públicas. Porém, algumas iniciativas carregam consigo a responsabilização do professor pelos resultados negativos da aprendizagem dos alunos, sem considerar a realidade difícil vivida por muitas escolas e o fato de que o professor de hoje é resultado de muitas décadas de descaso com a educação, durante as quais o seu salário foi rebaixado, sua carga de trabalho, aumentada, a formação aligeirada, e sua posição na sociedade, deteriorada. Com efeito, a profissão docente, que já havia perdido o antigo prestígio, passou a ser considerada como algo provisório, uma ocupação não desejada, que se aceita, na falta de outra. Esta é a situação real do protagonista que as reformas procuram eleger como o principal fator determinante da qualidade do ensino (PARO, 2012, p.5).

Percebe-se, então, que a gestão do trabalho docente na escola públicas atribui múltiplas funções ao professor, e mais ainda, a categoria é desvalorizada e a sociedade o culpa pelas mazelas educacionais advindas da falta do reconhecimento do trabalho pedagógico.

A gestão do trabalho docente é, pois, “uma ação inerente à experiência de si, que supõe escolhas entre uma hierarquização de atos, de objetivos e de valores, assim como, implica uma tensão “dramática” do uso de si “por si” e “pelos outros” abrindo novas possibilidades de experiência aos professores” (MOURA, 2009, p. 8).

Nesse viés, mesmo que escola pública pautar-se nos moldes capitalistas, o poder público deve propiciar uma gestão do trabalho docente que garanta aos professores não apenas qualificação pessoal e profissional, mas também condições objetivas que permita a realização de seu trabalho de forma satisfatória.

De acordo com Paro quando a gestão do trabalho docente na escola pública veicula-se ao mundo do trabalho é preciso que o homem se adeque a realidade a que pertence, mas o trabalho do professor difere-se dos outros tipos de trabalho advindos do mundo capitalista contemporâneo, já que:

Para o professor, diferentemente do trabalhador comum, a atividade que desenvolve não tem (não deve ter) por motivo apenas o salário. Portanto, para bom êxito do trabalho pedagógico, o salário não pode ser uma simples compensação pelo trabalho (forçado) como acontece com todo trabalho capitalista. Em vez disso, a remuneração justa do trabalho do professor é um dos requisitos necessários para que ele tenha condições objetivas adequadas à realização da atividade que ele tem por incumbência desenvolver (PARO, 2012, p. 16).

Para tanto, cabe ao professor ao gerir a sua profissão, no âmbito da escola pública, mesmo diante das intemperanças, ou melhor, das más condições na execução de seu trabalho que este faça valer a sua qualificação pessoal e profissional de modo que a sua função social seja efetivada de forma significativa.

Sendo assim, a gestão do trabalho docente na escola pública mediado pelas relações do mundo capitalista exige que o docente, devido à falta de valorização da profissão, atue em várias instituições de ensino a fim de viver dignamente.

Faz-se necessário acrescentar que é dever do poder público que lhe assegure à gestão do trabalho docente a carreira de magistério que contemple tempo e salário, além do direito a dedicação exclusiva (DE), que é privilegio apenas alguns dos pares, e a falta de valorização e do reconhecimento da profissão docente, tendo em vista que, a escola é tida como uma instituição incompetente mediante as exigências da contemporaneidade, e mais ainda, a equidade entre a escola e as outras instituições que promovem o conhecimento na sociedade informacional atual.

Segundo Paro (2012) a gestão do trabalho docente na escola pública pode ser entendida a partir do processo de formação docente:

No tocante à formação dos professores, há dois equívocos bastante difundidos, especialmente nos meios governamentais, acadêmicos e midiáticos, que precisam ser explicitados e superados. O primeiro refere-se à crença de que a causa predominante ou mesmo exclusiva do mau ensino é a qualificação do corpo docente e de que, por isso, basta cuidar dessa qualificação que tudo se resolverá na promoção da qualidade do ensino público. Essa visão ignora que, não obstante a importância e imprescindibilidade do professor para a realização do ensino escolar, também são imprescindíveis condições objetivas de trabalho que ofereçam um mínimo de possibilidade para a atividade docente se realizar.

[...]. O segundo equívoco, corolário do primeiro, é atribuir à formação regular, acadêmica, do profissional da educação a culpa pela má qualificação dos professores da rede, deixando de considerar que não são os cursos de

pedagogia, de licenciatura e outros cursos de formação de educadores que recrutam os professores para as redes de ensino; e de que não basta formar bons professores se as más condições de trabalho e os baixos salários oferecidos não conseguem atraí-los para o trabalho na escola pública básica (Idem, Ibidem).

É perceptível, a partir da citação acima, que a sociedade atual está equivocada ao culpar a gestão do trabalho docente pela má qualidade do ensino, e em especial, ao atribuir à falta de um ensino de qualidade a sua qualificação pessoal e profissional e a cursos de licenciaturas e acaba por esquecer que a problemática advém da má remuneração e das condições sub-humanas a que à classe é submetida na escola pública.

Nessa perspectiva, é imprescindível que a escola pública assuma de fato o seu papel: produção e construção de sujeitos sociais humanos e históricos embasados na plenitude cultural e como diria Paro (2012):

Diante disso, não é de estranhar que a função docente não tenha o reconhecimento que se deseja. A razão principal é que a escola cada vez mais é identificada como uma instituição incompetente que não consegue realizar aquilo que outros meios realizam tão bem. Por isso, a valorização da função docente deve correr paralela à valorização da própria escola. Mas esta também só se valoriza se estiver subsumida por uma visão de educação mais avançada (não identificada apenas com a transmissão de conhecimentos). Ou seja, a escola terá chances de ser valorizada socialmente quando conseguir cumprir o papel, extremamente desejável do ponto de vista político e social, de agência construtora de personalidades humano-históricas pelo provimento da cultura em seu sentido pleno, que é condição necessária para que ela consiga propiciar inclusive o conhecimento, mister em que hoje ela fracassa tão rotundamente. Quando a escola se fizer um verdadeiro centro educativo, que irradia a cultura em todas as suas dimensões, por meio de métodos adequados à natureza dessa cultura (portanto reforçadores da condição de sujeito dos educandos), certamente ela será valorizada, não apenas por sua importância, mas também pelo caráter de certa forma único de seu papel. Em suma, a valorização do trabalho docente será acompanhada do reconhecimento da especificidade do trabalho pedagógico. Quando isso ocorrer, a comparação do trabalho da escola com outras agências tornar-se-á sem sentido, porque fará parte do papel da instituição escolar a realização de algo que nenhuma outra instituição pode realizar (Idem, Ibidem).

A gestão do trabalho docente na escola pública é, pois, uma forma de gerir o processo de ensino aprendizagem discente que se concretiza de forma eficaz e eficiente na e pela ação coletiva dos sujeitos sociais que constituem a rede de ensino, e mais ainda, á medida que a escola tornar-se-ia um verdadeiro centro educativo, que promove a cultura em todas as

dimensões, por intermédio de métodos e estratégias que estejam condizentes com a realidade dos educandos.

Percebe-se que enquanto a escola não exerce o seu papel de agente de transformações social, faz-se necessário que o professor da escola pública assuma através do uso de “si”, por “si” e pelos “outros” a função que lhe foi dada: formar cidadãos críticos e reflexivos acerca da realidade que o cerca.

Nessa linha de pensamento sobre a gestão do trabalho docente, ou melhor, o sobre o produto do processo produtivo. Paro (2012a) assevera que:

O produto do processo educativo consiste no ser humano educado, por isso, diferentemente do que acredita a pedagogia tradicional, boa escola não é a que dá boas aulas, mas aquela que forma bons cidadãos. Assim não há nada de errado em exigir que a escola seja produtiva, desde que a medida de sua produtividade se refira ao produto que lhe cumpre oferecer: o aluno educado, ou melhor, a porção da cultura incorporada à personalidade do aluno pela ação da escola (PARO, 2012a, p.188).

A gestão do trabalho docente no ensino público, no viés, da práxis docente exige que o professor venha a ser estimulado não somente pelo fator extrínseco (o salário), mas particularmente, pela sua função social intrínseco: promover o conhecimento, ou melhor, o ensino aprendizagem de forma significativa aos educandos, e consonância com esse pensamento Paro (2012) diz que:

Para o professor, há também o estímulo do salário (extrínseco), mas, diferentemente do trabalhador comum, a quem basta esse estímulo extrínseco à atividade para que ele a realize, a natureza específica do trabalho docente “exige” um motivo intrínseco à própria atividade: o professor deve desejar o aprendizado do aluno, esse é seu motivo para ensinar. Se, na relação pedagógica, o professor não estiver provido da vontade de ensinar (de levar o educando a querer aprender), seu desempenho será comprometido e ele não conseguirá levar o aluno a aplicar sua vontade na realização do aprendizado. O trabalho do professor tem, portanto, um motivo intrínseco, diferentemente do trabalho tipicamente capitalista que, não só admite, mas “precisa” de um motivo extrínseco para realizar-se (PARO, 2012, p.15).

Desse modo, a gestão do trabalho docente na escola pública só será de fato concretizada de forma efetiva e significativa quando a escola for por essência, ou melhor, por excelência o

lócus verdadeiro da práxis educativa que irradia a cultura em todas as suas dimensões, por meio de métodos adequados à natureza dessa cultura, ou seja, da cultura de seus educandos.

1.4 O TRABALHO DOCENTE E A FORMAÇÃO PARA O MERCADO DE TRABALHO

Na sociedade capitalista atual o trabalho docente ainda encontra-se arraigado no modelo de ensino tradicional, á medida que neste ainda vigora a preparação e formação discente em prol da sua inserção ao mercado de trabalho, já que conforme Paro o trabalho dos professores na prática é, pois uma práxis docente voltada para o mundo do trabalho, posto que:

Quando se examina a prática e se analisa com frieza o que a escola procura fazer, na ação de seus professores e no atendimento às aspirações e expectativas de seus usuários, o que aparece sempre como perspectiva essencial é o mercado de trabalho (agora, visando o emprego imediato; no futuro, visando à preparação para a universidade). Não importa que o ensino fundamental, por exemplo, não tenha conteúdos específicos preparatórios para esta ou aquela profissão, ou que nem mesmo toque em assuntos gerais sobre o mercado de trabalho e as profissões. Mesmo na mais elementar tarefa de alfabetizar está presente à perspectiva do mercado de trabalho: aprende-se para escrever e falar corretamente (e na aspiração de todos está presente também esse valor de se comunicar melhor para usufruir melhor da vida), mas não deixa de estar presente sempre, essa preocupação em como isso (no caso, a melhor comunicação) vai influir na busca de um emprego melhor. Do lado dos usuários, parece plausível essa expectativa, diante da já mencionada falta de opções, que não o trabalho assalariado, para ganhar a própria vida (PARO, 2000, p.9).

Nessa perspectiva, Duarte estabelece que:

No caso dos países, como o Brasil e muitos outros do continente latino americano espera-se que a educação escolar básica se estenda amplamente a toda à população, como requisito para preparação para o trabalho, conforme ocorreu nas sociedades industriais, nos países desenvolvidos. E, na atual fase do capitalismo, soma-se ao ingresso universal à escola básica, o desenvolvimento de habilidades e competências, na preparação para o exercício do trabalho que inclua a criatividade para o exercício de múltiplas funções, chamado de trabalho flexível, além da educação como condição de empregabilidade. Ou seja, que as pessoas sejam preparadas para se inserir no mercado de trabalho e na falta de postos de trabalho, possam se adaptar ao quadro de incertezas e instabilidades, autogerindo sua sobrevivência (DUARTE, 2006 p.4).

Espera-se que os países emergentes ou em via de desenvolvimento, como é o caso do Brasil, ofereçam uma educação básica que possibilite aos sujeitos sociais seu ingresso ao mercado de trabalho, de tal modo que, possa satisfazer as exigências advindas do mundo capitalista, já que a educação é sinônima de empregabilidade, ou seja, é através da educação que o homem contemporâneo consegue ter um emprego e garantir a manutenção de sua vida.

O trabalho docente e a preparação para o trabalho faz-se presente nas ações e discursos da sociedade capitalista como um todo, posto que o mundo contemporâneo exige do ser humano um simples viver pelo trabalho e para o trabalho e este, portanto, vêm à escola como o lócus no qual a sua inserção no mercado de trabalho através do conhecimento será concretizada, efetivada, ou melhor, assegurada, e como diria Paro:

[...] quando se fala em educação e, em especial, em escola, a primeira preocupação, ou a preocupação que está subentendida nas demais, é com a preparação para o trabalho. Sempre que se procura saber, em pesquisas de campo, qual a função da escola, as respostas que se obtêm, tanto por parte de alunos e pais, quanto de professores e demais educadores escolares, sempre convergem para a questão do trabalho. Fala-se, muitas vezes, que se estuda “para ter um vida melhor”, mas, quando se procura saber o que isso significa, está sempre por trás a convicção de que “ter sucesso” ou “ser alguém na vida” é algo que se consegue pelo trabalho, ou melhor, pelo emprego. Uns, por premência, querem o emprego já; outros, com maior expectativa, se preparam para conseguir passar no vestibular e ter um emprego melhor, depois (PARO, 2000, p.7).

O professor acaba por veicular-se e reproduzir os interesses dos grupos dominantes da sociedade capitalista e a escola desde sempre acaba exercendo a função que não lhe é devida: formar cidadão para atuar no mercado de trabalho.

Sendo que, agindo assim, de acordo com Paro (2000):

A escola tem contribuído muito mais para o mercado de trabalho, não quando tenta diretamente formar profissionais para exercer suas funções no sistema produtivo, mas quando deixa de lado suas outras funções sociais relacionadas à dotação de um saber crítico a respeito da sociedade do trabalho alienado, pois não preparar para a crítica do trabalho alienado é uma forma de preparar para ele. Neste sentido, a escola capitalista, porque sempre preparou para viver na sociedade do capital sem contestá-la, sempre preparou para o trabalho (Idem, Ibidem).

Percebe-se que a práxis docente que se veicula no interior das escolas, pauta-se nos moldes capitalistas, pois busca formar os cidadãos apenas para atuar de forma alienado no mercado de trabalho, porque a preparação para o trabalho tem significado sempre preparação para o mercado, então a razão primeira e única da escola tem sido ao longo do processo de humanização do homem sua preparação para atuar no mundo mercadológico.

Nesse sentido vê-se a escola como sendo o lócus formador de mão-de-obra para o mercado de trabalho e, mais ainda, de ascensão social do homem no mundo do trabalho, já que esta instituição é na prática o local da produtividade educativa ou da melhoria do capital humano, pois quanto maior o grau instrucional pela lógica capitalista maior é a condição econômica.

Nesse direcionamento, o trabalho docente formará para o trabalho quando o professor estiver preocupado apenas com preparar cidadão único e exclusivamente para atender as exigências do mercado de trabalho e, apenas visando esse fim, sem ao menos buscar sua função social: a preparação dos sujeitos sociais para o “viver bem” e para o “efetivo exercício da cidadania”.

A formação para a atuação apenas no mundo mercadológico aliena o trabalhador e lhes tira o direito de tornarem-se cidadãos politizados capazes de transformar a realidade em que vive, pois lhes foi tirado o direito de viver bem e exercer assim a cidadania plena. Então, mesmo que haja a necessidade de formar indivíduos para atuar no mercado de trabalho ao qual o mundo capitalista tanto precisa, faz-se necessário que o professor exerça a plenamente de sua função social: formar cidadãos críticos e reflexivos sobre a realidade que o cerca.

Em consonância com esse pensamento Paro (2000) pressupõe que:

É preciso que se coloque no centro das discussões (e das práticas) a função educativa global da escola. Assim, se entendemos que educação é atualização histórico-cultural dos indivíduos e se estamos comprometidos com a superação do estado geral de injustiça social que, em lugar do bem viver, reserva para a maioria o trabalho alienado, então é preciso que nossa escola concorra para a formação de cidadãos atualizados, capazes de participar politicamente, usufruindo daquilo que o homem histórico produziu, mas ao mesmo tempo dando sua contribuição docente e transformando a sociedade. Só assim a escola estará participando de forma efetiva como elemento da necessária “reforma intelectual e moral” (Idem, *Ibidem*).

A práxis da produtividade educativa na escola deve ser pautada na transformação social para que esta não venha “quer queira quer não” reproduzir apenas a cultura dominante na

formação e instrução dos cidadãos para ser mão-de-obra alienado do mercado de trabalho em prol da sociedade capitalista atual.

Nessa perspectiva, Paro (2000) propõe que:

A escola não deve servir ao capital apenas com propósito de levar os alunos a um trabalho futuro e se assim o fizer que o faça de uma forma crítica, de tal sorte que os educandos fossem instrumentalizados intelectualmente para a superação da atual organização social que favorece o trabalho alienado (Idem, Ibidem).

Dessa maneira, na sociedade capitalista atual, a escola deve atuar de forma crítica, a fim de que, o processo de humanização discente satisfaça não apenas o mundo do capital, mais que esta, enquanto centro educativo possa ser uma instituição que rompa de forma efetiva com a alienação da classe trabalhadora.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPOS DE PESQUISA

Esta produção encaixa-se no âmbito exploratório, pois pretende compreender como se realiza a gestão do trabalho docente, discutindo a práxis docente, no tocante a formação para o trabalho, na rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade. Já que os estudos de natureza exploratória visam à descoberta, o achado, a elucidação de fenômenos ou a explicação daqueles que não eram aceitos apesar de evidentes (GONÇALVES, 2014). Nesse sentido, a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema (GIL, 2008).

Por outro lado, fez-se um trabalho com enfoque qualitativo por está interessado na compreensão e significação de um fenômeno. Segundo Richardson a pesquisa qualitativa é:

No método qualitativo, existe uma relação mais próxima entre pesquisador e informante, o que possibilita informações de talhadadas; as inferências são superficiais, descrevendo em detalhe o concreto; é comum o uso do gravador para registrar entrevistas e observações para análises posteriores (RICHARDSON, 2007, p.87).

A necessidade do uso da pesquisa qualitativa fica evidente, por se tratar da análise de um fenômeno social, ou melhor, da construção e produção da história da gestão do trabalho docente, discutindo a práxis docente, no tocante a formação para o mercado, na rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade. Nesse viés, Richardson entende que:

Os estudos que empregam a metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 2007, p.80).

Esta metodologia se encaixa no ambiente deste estudo, pois, buscou-se compreender a especificidade de um fenômeno em particular: como se realiza a gestão do trabalho docente, discutindo a práxis docente, no tocante a formação para o mercado, na rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade?

2.2 UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram os professores da rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade, na busca de identificar sua atuação na realização da gestão do trabalho docente como atores conscientes do processo de engajamento e luta na práxis docente advinda da sociedade capitalista atual.

A pesquisa foi realizada em diferentes escolas da rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI. A seleção dos sujeitos sociais considerou os professores efetivos, tal escolha se deu devido a sua experiência e permanência na rede, selecionou-se um grupo de 11 professores que trabalham em diferentes escolas municipais, já que não é possível investigar a todos no período que se tem para desenvolver a pesquisa.

2.3 FONTES DE PESQUISA

Esta produção teve como base de elaboração a pesquisa de campo na qual foram recolhidos os dados empíricos priorizando a seguinte fonte: i: fontes orais através dos depoimentos dos professores utilizando para tanto os instrumentos da memória coletiva e da história oral através de entrevista.

O presente trabalho será realizado através do depoimento dos docentes que atuam na rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade, com aplicação de questionários e entrevistas aos sujeitos envolvidos, a fim de detectar a sua contribuição política e social a sociedade ipiranguense e através de fontes documentais ou bibliográficas.

2.4 COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu por meio de um instrumento: a entrevista estruturada, pois é através desta que a pesquisadora pretende fazer sua análise investigativa. A pesquisa oral através das entrevistas concedidas pelos professores da rede municipal de Ipiranga-PI, contribuíram de forma ímpar na execução da pesquisa e que conforme Michel (2005, p. 45) “o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada; permite explorar mais amplamente uma questão”.

As entrevistas aconteceram no município de Ipiranga-PI, no período de novembro a dezembro de 2016, onde a coleta de dados foi feita nas escolas da rede municipal de Ipiranga-PI.

Faz-se necessário, enfatizar que, antes do início das entrevistas, como ensina Vergara “informou-se aos entrevistados o objetivo e a relevância da pesquisa, a importância da colaboração do ator social para a pesquisa, bem como a garantia da confidencialidade” (2007 p.58). Durante as entrevistas, os professores foram questionados sobre as inúmeras situações que envolvem a sua “ação-reflexão-ação” (práxis docente) como profissional agente de transformação social.

2.5 TRATAMENTO E CLASSIFICAÇÃO DOS DADOS

Os dados foram classificados de acordo com a análise de sua respectiva fonte. E desde modo, usou-se uma ficha classificatória. A ficha classificatória foi construída com três campos referente a cada objetivo, ou melhor, contendo os respectivos objetivos a qual a pesquisa se propôs responder para que as respostas dadas pelos entrevistados viessem a responder satisfatoriamente ou não a esta produção histórico-social.

O tratamento a que os dados foram submetidos diz respeito a análise das respectivas respostas dadas pelos professores aos objetivos aos quais a pesquisadora se propôs analisar que foi ímpar a sua produção.

2.6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada a partir das fichas classificatórias, considerando a problemática central e os objetivos específicos. A ficha de cada professor traz os momentos mais significativos dos depoimentos, ainda mais, demonstra que é através dos seus gestos, de suas expressões faciais e das indagações que o docente revela o seu descontentamento com a falta de valorização de sua profissão.

Sendo assim, após a coleta de todos os dados foi feita uma análise comparativa entre os depoimentos dos entrevistados e as respectivas respostas por estes dados, a fim de detectar possíveis regularidades. A análise dos dados é de suma importância à concretização da pesquisa, posto que, é através dessa análise que a pesquisadora pode selecionar, escolher e retirar das fichas os termos necessários à categorização, de forma que pudesse sustentar a discussão nas teorias utilizadas no trabalho.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Para esta produção, foram entrevistados 11 professores, cuja denominação foi feita da seguinte maneira (os professores serão classificados de nº 01 a nº 11, ou melhor, professor nº 01 a professor nº 11) mantendo assim, a integridade de sua identidade preservada.

A seguir serão expostos os resultados encontrados e a análise dos mesmos, feita com base nos pressupostos teóricos, de modo a levantar pontos que auxiliem na compreensão do objetivo principal desta pesquisa: que é compreender como se realiza a gestão do trabalho docente, discutindo a práxis docente, no tocante a formação para o mercado, na rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade?

A gestão do trabalho docente, no viés da práxis docente consiste em uma “ação-reflexão-ação” sobre os fazeres e saberes do professor e da escola para que estes não fiquem apenas no campo do discurso (teórico) sobre uma educação transformadora da realidade local e acabe por promover apenas um ensino voltado para a preparação dos cidadãos para o mercado de trabalho.

3.1 GESTÃO DO TRABALHO DOCENTE NO MUNICÍPIO DE IPIRANGA-PI, NA ATUALIDADE.

A gestão do trabalho docente no município de Ipiranga-PI, na atualidade, segundo o discurso dos professores entrevista pauta-se na práxis docente de um ensino de qualidade que visa à formação pessoal e profissional do cidadão não apenas para o mercado, mas especialmente, para a vida.

Nesse viés, faz-se necessário dizer que a gestão do trabalho docente se concretiza, conforme a fala do professor nº 01 (2016) da seguinte forma:

Muito tem se falado, sobre qualidade de ensino e a produtividade da escola, no entanto, seria uma visão restrita do processo educativo pensar buscar uma alta produtividade sem levar em conta a qualidade do processo de ensino aprendizagem. A concepção da produtividade deve ser buscada, então, através do aumento da qualidade do ensino. [...] Se entendermos que a educação como um todo cumpre uma função social, não podemos considerar o professor como um mero proletário do sistema educacional, em que a educação é “mercadoria”. Mais para isso é preciso que haja mais condições de trabalho entre elas a valorização econômica, social e cultural da profissão.

Percebe-se por meio da citação acima que a gestão do trabalho docente não pode nem deve ser analisada na mesma perspectiva adotada pelas empresas capitalistas, já que o

professor deve cumprir seu papel social: formação dos cidadãos para o “viver bem” e para “o exercício pleno da cidadania”, entretanto, através da fala do entrevistado subteende que a função social da escola é: aliar a qualidade do ensino à valorização da profissão docente. Paro entende que:

[...] é sabido que as ocupações que têm menor prestígio social são aquelas que costumam remunerar com os salários mais baixos. No caso do professor, não se trata somente de o salário ser baixo, mas sim de ele estar enormemente defasado com relação à importância da ocupação, e essa importância é cada vez menos reconhecida pela população (PARO,2012, p.6).

Nesse sentido, sobre a gestão do trabalho docente o professor nº 07 afirma ser “um educador que trabalha por amor, embora seja essa classe desvalorizada, onde o professor se qualifica, não para de estudar, mais não tem os seus direitos adquiridos”.

Pode-se dizer, então, que o professor busca gerir a sua docência da melhor maneira possível, mesmo diante de uma precarização profissional em que o poder público, ou melhor, os responsáveis pela educação no Brasil paguem mal seus professores e a sociedade como um todo não reconhece o seu devido valor, mas mesmo assim, estes devem se sentir no direito de dar o melhor de “si”, por “si” e pelos “outros” em prol da transformação social da sociedade a qual faz parte.

O professor é, pois “o responsável por um ensino que, além de desenvolver a personalidade, o caráter, a capacidade de compreender, desenvolve também, as potencialidades dos alunos e o senso crítico para viver em sociedade”.

A gestão do trabalho docente deve, pois, de acordo com o pensamento do professor 02 e 05, respectivamente, “ser entendida como um ensino pautado na ideia de produção de conhecimento através da criação de situações desafiadoras que leve o educando a pensar, refletir e produzir”. Já que “a práxis é o fundamento do conhecimento”. “É importante à prática do professor esta associada a este conhecimento, já que a mesma está relacionada à transformação social”.

Sabe-se que o professor ao gerir a sua função social de docente deve propiciar ao educando uma educação que desenvolva integralmente todas as suas potencialidades, ou melhor, o docente nas precisas lições do professor nº 07 deve:

Trabalhar o desenvolvimento integral de seus alunos e articular oportunidades educativas capazes de atendê-los, envolvê-los nos projetos políticos pedagógicos da escola, buscando identificar suas necessidades de desenvolvimento no nível intelectual, físico, emocional, social e cultural.

Paro afirma que a “educação é, pois, a atualização histórica de cada indivíduo e o educador é o mediador que serve de guia para esse mundo praticamente infinito da criação humana” (2000, p. 08). Sendo assim, a gestão do trabalho docente deve atender satisfatoriamente aos interesses e necessidades dos sujeitos sociais que faz parte do sistema educacional como todo.

De acréscimo, fica evidente na fala do professor nº 08 que:

Na verdade não existe aluno sem professor, há uma ligação, interação professor/aluno. O professor é mediador da aprendizagem e o aluno é o sujeito social que atua na construção de seu próprio conhecimento que será e repassando de geração em geração.

A gestão do trabalho docente é feita de forma articulada com a proposta que se veicula no interior da instituição de ensino, já que para o professor nº 01:

A preocupação da escola, nesse sentido, é a de fazer com que o aluno apropriando-se de seus valores humanos e conhecimentos acadêmicos torne-os significativos tanto para si quanto para os outros, tornando - se uma pessoa consciente e responsável pela transformação da realidade em que está inserido.

A escola deve exercer de fato o seu papel social a fim de que o docente possa atuar em consonância com as propostas de ensino difundidas em seu lócus de trabalho, posto que, o professor nº 02 afirma que “os professores ainda são vistos como educadores (indivíduos com poderes de transformação da sociedade), transmissores não só de conhecimentos científicos, mais também de valores importantes na formação do indivíduo”.

Para o professor nº 02 a gestão do trabalho docente tem a pretensão de fazer com que os educandos possam ter “um ambiente de aprendizagem com as ferramentas necessárias para a construção do conhecimento onde haja interação entre aluno/professor, aluno/aluno, com atividades dinâmicas e produtivas”. O professor é um dos agentes de transformação social e,

por isso, o mesmo tem o dever de exercer seu papel social, a fim, de romper com os paradigmas da ordem vigente.

A gestão do trabalho docente e a própria escola, ambas devem mudar o foco sobre suas práticas educativas, ou melhor, deve deixar de ser uma formação pautada única e exclusivamente na pedagogia tecnicista em prol de uma pedagogia construtivista, ou seja, histórico-social, que de fato contribua com a formação integral dos sujeitos sociais a qual lhes foram atribuídos à função de humanizar.

3.2 FATORES QUE INDICAM A EXISTÊNCIA DA PRÁXIS DOCENTE NO TRABALHO DOCENTE NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DA CIDADE DE IPIRANGA-PI, NA ATUALIDADE.

Na sociedade capitalista atual os fatores que indicam a existência da práxis docente no trabalho docente advêm das relações sociais estabelecidas pelos agentes sociais que compõem o sistema educacional, através de sua interação no interior das instituições de ensino.

O professor nº 08 diria que “para que a escola tenha práticas docentes, é necessário que gestores, equipe pedagógica, funcionários, alunos e juntamente com a família, trabalhem juntos e de forma integrada, articulada e planejada”.

A práxis docente no trabalho docente pode ser entendida a partir da fala do professor acima como sendo uma ação conjunta de todos os membros escolares em favor de uma educação cidadã, posto que, nessa mesma ótica, o professor nº 05 enfatiza que “o docente deve inserir no processo educativo (dia-a-dia) modificadores da realidade, através da ação coletiva”.

O professor nº 01 destaca que:

Dentre alguns fatores que indicam a existência da práxis docente no trabalho docente, podemos citar: altos índices de atendimentos, repasse do conhecimento sistemático, o domínio das tecnologias, a ideologia da empregabilidade e competitividade, enfim uma concepção educacional voltada para uma preparação eficaz para o trabalho.

Conforme, a fala do professor nº 01 pode-se dizer que a escola quer queira que não acaba unicamente aderindo às exigências do mundo capitalista, e, nesse sentido, tem buscado

apenas preparar os discentes de forma eficaz e eficiente para que estes possam ser inseridos no mercado, atendendo assim, satisfatoriamente o mundo do trabalho.

Os fatores que indicam a práxis docente da profissão docente acabam por contribuir com a reprodução de discursos contraditórios sobre a função social da escola de seus professores, tais como, a fala do professor nº 09 ao propor que: “os sujeitos que o sistema de ensino prioriza formar deve ser antes de tudo, produtivos e funcionais ao sistema”. Logo, a partir das falas acima percebe-se que o papel de agente social da escola e de seus educadores reduz-se a: “preparação eficaz para o trabalho”.

Para tanto, o professor nº 06 afirma que “em alguns momentos os docentes precisam quebrar esses conceitos rígidos e desiguais que tratam o individuo como algo insensível, que deve apenas absorver tudo que lhe é repassado”. Sendo assim, faz-se necessário que o professor crie mecanismos e estratégias que propicie condições de aprendizagem de forma efetiva e significativa por parte dos discentes em prol da transformação social de “si” por “si” e pela sociedade a qual faz parte.

Nesse sentido, o professor nº 04 afirma que:

Apesar de sermos favoráveis em um modelo gerencial, para a escola precisamos de uma nova cultura corporativa com a remuneração composta de uma parcela linear e outra variável atribuída em razão de horas de estudo docente/anualmente, aprovações de alunos internamente, indicadores aferidos por instituições externas.

Percebe-se que os fatores que indicam a práxis docente na profissão docente estão diretamente ligados às condições de trabalho a que os professores estão submetidos e a falta de valorização da profissão. Sendo assim, o professor nº 02 diria que:

[...] O profissional da educação (professor) tende a ser visto pela sociedade como um simples operário, onde sua obrigação é repassar o conhecimento científico necessário para a sua carreira estudantil. Mesmo que considere o meu salário condizente com a minha jornada de trabalho, mas não com a qualificação profissional, pois estudamos muito até chegar a uma especialização e somos mal remunerados, enquanto que outras áreas são melhores remuneradas e nem exige tanto.

Entende-se que é preciso que haja maior interesse por parte dos governantes na questão que envolve investimentos em prol da melhoria das condições de trabalho dos professores,

para que estes possam gerir a sua docência de forma plena. Sobre essa necessidade Paro afirma que “como acontece “normalmente”, o governante gasta na mídia, com publicidade enganosa, o dinheiro que poderia ser empregado em melhorar as condições de trabalho dos professores” (2012, p.21).

Nesse sentido, o professor nº 10 assevera que:

Os maiores desafios na realização do meu trabalho é o salário não condizente com a carga horaria, ainda é necessário estar em três redes de ensino para ter uma renda que ofereça o mínimo de conforto. [...] Trabalho em três escolas, nos turnos manhã, tarde e noite. Essa carga horária excessiva, sem exclusividade de rede, são os salários oferecidos que não permitem uma qualidade de vida razoável.

A desvalorização do professor faz com que este exerça dupla jornada de trabalho para suprir suas necessidades básicas, ou melhor, equilibrar os seus orçamentos e ter um mínimo de conforto, é o que se pode perceber na fala do professor nº 01 e nº 07:

Trabalho em duas escolas. Tendo oportunidade muitos docentes atuam em mais de uma escola devido à falta de valorização econômica do profissional. Acredito que para aprimorar o processo o foco deve estar no desenvolvimento de políticas que valorize o trabalho do professor e signifique melhor aprendizagem para os estudantes.

[...] o professor trabalha em mais de uma escola pelo fato de viver em um mundo capitalista, onde para sobreviver você tem que se sobressair em várias situações em busca de melhores salários.

A práxis docente e educativa voltada apenas para o trabalho faz-se presente no interior da escola, tendo em vista que, os governantes acabam empregando o dinheiro que deveria aplicar em benefício de melhores condições de trabalho docente em defesa de seus próprios interesses e da ordem vigente, como se fosse da coletividade.

O docente nº 02 pressupõe que a força motriz que faz com que o professor atua em mais de um turno é por conta da necessidade que lhe é imposta pelo sistema capitalista, logo a mesma diz que:

[...] a necessidade de por conta do salario que embora tenha melhorado nos últimos anos ainda é insuficiente para proporcionar um padrão de vida confortável. Acho que os bons profissionais, realmente comprometidos com a função que exercem não deveriam se submeter a cargas horarias

excedentes por conta de salario, pois além de comprometerem sua saúde acabam também comprometendo a qualidade do serviço prestado, isso deveria ser impedido pelas autoridades competentes. E estas deveriam valorizar mais e pagar melhor para poder garantir e cobrar um serviço de excelência. [...] e tudo isso é necessário não somente amor a profissão, mas sim, para conseguir um melhor salário.

É visível nas falas dos professores como um todo que a necessidade de uma sobrecarga no trabalho advém da falta de responsabilidade do poder público em fazer valer o direito da categoria, e lhe atribuir o valor que lhe é devido como agente de transformação social, ou melhor, agentes formadores dos cidadãos do futuro.

O professor nº 10 destaca “as trocas de experiências, o planejamento em conjunto com o Projeto Político Pedagógico, a pesquisa e principalmente o conhecimento da escola e da comunidade onde está inserida” como sendo fatores que indicam a práxis docente no exercício da docência. Na mesma linha de pensamento dos professores acima Paro (2000) apresenta com precisão a situação atual da educação:

Entende-se que para que haja a verdadeira práxis docente por parte da classe docente no interior das instituições escolares (vale ressaltar aqui que práxis refere-se à ação-reflexão-ação sobre a função social exercida pela escola e pelo professor), faz-se necessário que a escola e o docente na e pela práxis exerçam a sua função social, e, mais ainda, é preciso da ação conjunta e prática de todos os setores sociais em prol de uma educação “omnilateral” do homem, posto que, os sujeitos sociais não podem e nem devem ser vistos, apenas como forças produtivas, ou seja, mão-de-obra do sistema capitalista. Desse modo, mesmo que a escola acabe atuando em consonância com o sistema capitalista à medida que exige que cidadãos atuem no mercado de trabalho na garantia de sua sobrevivência é dever da educação e do educador politizá-los (desalienando assim, a classe trabalhadora) em relação a sua forma de atuar em favor da transformação social das amarras da ordem vigente (grifos do autor).

Mesmo que a escola e o professor não possam fugir do sistema ao qual faz parte, e, mais ainda, mesmo que haja tantas limitações e desafios no exercício da docência faz-se necessário que os docentes procurem desempenhar da melhor forma possível o papel do educador, já que a sociedade atual necessita de uma educação de transformação.

A escola é, pois, o lócus de veiculação dos fatores da coexistência da práxis docente mercadológica na profissão docente quando reproduz ou atende aos interesses da classe burguesa, já que segundo o professor nº 6 “todo sistema de ensino está engessado pela

burocracia e debates ideológicos, tendo em vista que no Brasil a educação não é a prioridade nas ações governamentais”.

A profissão docente é por natureza uma prática improdutiva, mas quando esta se internaliza e toma para “si” o modelo fabril acaba que por gerir sujeitos sociais produtivos, nessa perspectiva, a práxis improdutiva tornar-se-ia imediatamente produtiva, já que tem a pretensão de satisfazer as necessidades advindas do sistema capitalista.

Nesse sentido, Duarte (2015) afirma que:

Na atualidade, a ênfase política acha-se posta na questão da produtividade do trabalho docente e tem por suposto o desinteresse do funcionário/professor para com o destinatário dos serviços prestados. Esta medida justifica medidas de desregulamentação de direitos e vantagens atribuídos aos professores, enquanto funcionários públicos, com a finalidade de produzir alterações que traduzam ganhos de produtividade (entendidos como redução de custos e de taxas de evasão e repetência). Justifica a ruptura com uma política de universalização dos direitos e vantagens e sua substituição pela competência no mercado por melhores condições de trabalho. Deve-se, entretanto, indagar, caso permaneçam situações de trabalho precário e hierarquias ocupacionais altamente segmentadas, se as lealdades não continuam prisioneiras da autoridade que detém o poder de empregar (DUARTE, 2015, p. 256).

De acordo com o exposto acima é perceptível que o sistema capitalista internaliza através dos governantes a forma como as instituições de ensino devem gerir na produção do conhecimento para que a deficiência (falta de mão-de-obra, capacitada e qualificada, pela divisão social do trabalho) que se veicula no interior das empresas seja sanada pelos cidadãos que fazem uso dos sistemas de ensino.

Pode-se dizer que na sociedade capitalista a escola e o professor devem trocar as lentes e vestir-se literalmente com sua função social, porque mesmo que não possa deixar de formar cidadãos para atuar no mercado, ambos tem o dever de fazer com que esses sujeitos sociais possam enxergar o que está por detrás das lentes, rompendo assim, com a alienação imposta pelo modelo fabril. O docente e a escola têm, pois, a função de agente de formação “omnilateral do homem”.

3.3 RECONHECENDO SENTIDOS: POR QUE FORMAR PARA O TRABALHO?

A formação para o trabalho acontece porque a escola e o professor não estão exercendo plenamente as suas funções sociais, e enquanto isso não acontecer à educação irá continuar

formando mão-de-obra para atuar no e para o mercado, visto que, é disso que a sociedade capitalista precisa e não consegue por “si própria” gerir e acaba por fazer uso da escola para assim obtê-lo. E Como diria Lima (2016):

Somos regidos pelo capital (mundo mercadológico). A escola deixa de ser de direito para ser um bem de consumo, ou locus produtivo, não apenas de saber, mas de mão de obra para o mercado de trabalho. Que se pauta de forma discursiva em educação de qualidade para todos, ou melhor, qualidade mercadológica (LIMA, 2016, s/p).

Segundo o ideário acima, pode-se dizer que a escola da atualidade ainda tem se prestado apenas em preparar os cidadãos para servir ao mercado, ou melhor, para ser mão-de-obra alienada do mundo mercadológico, já que na sociedade capitalista o trabalho é a força motriz da garantia da sobrevivência humana, faz-se necessário uma educação transformadora da relação humana com o trabalho advindo do sistema fabril.

Nesse direcionamento, o professor nº 10 afirma que:

Apesar de tentarmos fazer o aluno agente do processo de ensino aprendizagem, agentes críticos e transformadores da realidade que o cerca. Seguimos o modelo fabril, quando aderimos a uma grande curricular, quando adotamos o sistema de avaliação e por fim quando seguimos um modelo de ensino.

Diante disso, mesmo que a escola na sua função de prestadora de serviços não possa nem deva funcionar exatamente igual às empresas capitalistas, tendo em vista que, sua função social é outra, é perceptível que a mesma é regida por instrumentos e mecanismos que tende a atender aos interesses do mundo fabril. Por isso, a politização cidadã é necessária.

Desse modo, o professor nº 01 entende que:

Tendo em vista a sociedade capitalista a qual vivemos é comum relacionarmos a educação e o nível de escolaridade com o sucesso que a pessoa pode conseguir ao longo de sua vida. Porém, é importante relacioná-lo também com o pleno desenvolvimento do educando.

Os educandos precisam desenvolver suas habilidades e competências para que possam adequar-se as exigências sociais, já que nas precisas lições do professor nº 05 fica

estabelecido que “a concepção de práxis docente de ensino que ainda veicula-se no interior da escola é produzir mão-de-obra para o mercado”.

Nessa perspectiva, a preparação para o trabalho acontece porque a escola vê-se “obrigada” a atender aos interesses do mundo capitalista, já que de certa forma “submeter-se ao sistema” acaba por tornar-se o mecanismo mais “viável” na garantia da sobrevivência dos cidadãos.

Em conformidade com esse pensamento o professor nº 07 diria que “entendo como produtividade de ensino, quando o aluno aprende, adquire conhecimento, e está preparado para o mercado de trabalho”. Logo, o professor nº 09 acrescentaria que “escola prepara sim os alunos para o capitalismo, e é por isso que se tornam adultos que só pensam nos lucros”.

Nesse direcionamento, o professor nº 09 afirma que:

A escola e o docente, ainda hoje, posicionam-se no papel de capacitar as crianças e os jovens a serem adultos bem inseridos na sociedade, cumprindo seu papel de bons cidadãos [...], ou melhor, formação e preparação de crianças e adolescente (jovens) para atender a demanda do mercado de trabalho.

É perceptível na fala dos professores que a escola pauta-se no modelo fabril à medida que visa “preparar os educandos para prosseguir e ir à busca de seus objetivos”.

Fica aqui subentendido que tais objetivos dizem respeito a “crescer na vida”, ou melhor, a satisfação das exigências imposta pela sociedade capitalista, como por exemplo: a conquista da estabilidade (emprego) em meio à divisão social do trabalho, e, tal conquista dar-se-ia através do conhecimento por estes adquiridos ao longo do processo de socialização garantindo lhes melhores condições de vida, ou seja, efetivando assim, o direito de “viver dignamente” (grifos meus).

Nessa ótica, a professora nº 11 afirma que:

A escola prepara para o mercado de trabalho quando apresenta uma concepção de práxis docente voltada para preparar significativamente os alunos para atuarem nos mais altos cargos do mercado de trabalho, tanto é que o que é mais visto em tempos de resultados de vestibulares são os outdoors fazendo propagandas para as profissões: médico, advogado, engenharia. A escola pública ou privada que é vista como a melhor é aquela que aprova mais para esses cargos.

Nesse direcionamento, quando a escola prepara os cidadãos para atuar no mercado (através da profissionalização) tem buscado de acordo com o pensamento do professor nº 10 “deixar a escola competitiva, em igualdade com outras que oferecem a mesma modalidade de ensino, permitindo que nossos alunos de forma interdisciplinar desenvolvam o senso crítico e tenha êxito em suas escolhas”.

O discurso que se veicula no interior da escola e as especificidades nas falas dos professores assumem em síntese um caráter de preparar os discentes para atuarem no mercado, já que o conhecimento é visto por estes como sendo os mecanismos pelos quais os sujeitos sociais ascenderão no e para o mundo do trabalho.

A escola e o docente, em tese, prepararam os cidadãos para atuarem no mercado de trabalho, no entanto, é preciso que ambos façam uso da verdadeira essência da palavra práxis: ação-reflexão-ação e mudem o foco de ensino: deixem de preparar apenas para o mercado em prol da politização dos saberes e fazeres dos cidadãos transformando assim, a forma destes verem e agirem na e pela sociedade. Ao agir assim, naturalmente a “cidadania” e o “viver bem” dos sujeitos sociais de fato é assegurando e efetivado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi feita uma produção sobre o trabalho docente e a formação para o mercado: uma análise da práxis docente nas escolas da rede pública municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade, tendo em vista, a relevância da politização social na transformação da sociedade. A gestão do trabalho docente na sociedade ipiranguense se deu mediante a práxis docente que visa à formação “integral” do cidadão para “viver bem” e exercer a “cidadania”.

Para isso as reflexões levaram em consideração, sobretudo, as práxis docentes que se veicula no interior das instituições de ensino do mundo do trabalho, ou melhor, da sociedade capitalista atual e seus impactos na gestão do trabalho docente nas escolas da rede pública municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade.

A gestão do trabalho docente se realiza, à medida que, o professor faz uso de “si” por “si” e pelos “outros” através de suas ações-reflexões-ações sobre suas práticas educativas, de forma que possa exercer plenamente a sua função social.

O estudo sobre a gestão do trabalho docente na cidade de Ipiranga- PI, na atualidade revelou a profunda inter-relação do sistema fabril e educação, posto que, a qualidade de ensino é, pois, uma qualidade mercadológica, já que a escola e o docente acabam por formar os cidadãos apenas para o mundo do trabalho.

Para que os objetivos fossem alcançados buscou problematizar a relação entre mundo do trabalho (formação para o trabalho) e educação (gestão do trabalho docente e escola) e suas regularidades. O que mais chamou atenção na fala dos entrevistados foi o fato de aliar a qualidade do ensino à valorização da profissão docente, para assim alcançar, na prática, a função de educador.

Verificou-se ainda, que a escola pauta-se nos moldes das empresas capitalistas quando busca atender a demanda do mercado através da formação que visa apenas à profissionalização do cidadão para atuar no mundo mercadológico.

As informações adquiridas por meio das entrevistas evidenciaram que apesar da gestão do trabalho docente se pautar em um ensino de transformação, a escola querendo ou não, acaba apenas preparando os cidadãos para o mercado. Tendo em vista a falta de investimento por parte do poder público na melhoria das condições de trabalho da categoria.

Através do estudo comprovou que os fatores que indicam a existência da práxis docente no trabalho docente dizem respeito à relação conjunta da sociedade como um todo, pois os professores não recebem por parte desta o devido valor que lhes é merecido, ou melhor,

quando a escola for “um verdadeiro centro educativo” a profissão docente terá o reconhecimento ao qual lhe é devida.

Outro ponto percebido é que por conta da escola e a profissão docente não exercerem verdadeiramente a sua função social, a palavra práxis (ação-reflexão-ação sobre os fazeres e saberes da escola e dos docentes), no contexto da práxis docente no trabalho docente, não se efetiva de forma plena já que se limita apenas a atender as exigências advindas da ordem vigente.

Nesse sentido, já que a escola na sociedade capitalista, em via de regra, não pode fugir do capital e como precisa preparar os sujeitos sociais para atuar no mercado a fim que possa “viver dignamente” é necessário que o poder público assegure de forma plena a função social da escola e conseqüentemente do docente para que estes possam politizar os cidadãos, rompendo assim, com a alienação imposta pelo sistema capitalista.

Este trabalho assim como a sociedade a qual faz parte é inacabamento, ou seja, não tem por finalidade um saber concludente, representa apenas o ascender de um olhar crítico sobre a gestão do trabalho docente: formação para o trabalho e tem a pretensão de despertar outras pessoas a se aprofundarem no assunto.

REFERÊNCIAS

DUARTE, A; AUGUSTO, M. H. **Trabalho docente**: configurações atuais e concepções. UFRJ, 2006. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/03.pdf>. Acesso em: 01/12/2016.

DUARTE, Marisa Ribeiro Teixeira. Reforma do estado e administração de pessoal: reflexão sobre a história da política de gestão dos trabalhadores em educação. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). **Gestão democrática da educação**: desafios contemporâneos. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FRIGOTTO, Gaudêncio (1984). **A produtividade da escola improdutivo**. São Paulo: Cortez/Autores Associados. Disponível em: <http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_20/10_frigotto.pdf>. Acesso em: 06/12/2016.

_____. Reformas educativas e o retrocesso democrático no Brasil nos anos 90. In: LINHARES, Célia (Org.). **Os professores e a reinvenção da escola**: Brasil e Espanha. São Paulo: Cortez, 2001. P. 57-80. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/13184-59892-1-PB.pdf>. Acesso em: 20/12/2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Carlos Rodrigo. **Direito civil brasileiro- volume II- Teoria Geral das obrigações**. 11. ed., São Paulo: Saraiva, 2014

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Gestão do trabalho docente e qualidade da educação**. UFPel, 1997. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/16.pdf>. Acesso em: 20/12/2017.

HYPOLITO, A. M.; GRISHCKE, P. E. **Trabalho imaterial e trabalho docente**. Educação Santa Maria, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/8998>>. Acesso em: 20/12/2017.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. *Palestra*, 2016.

MARX, K.. **O Capital**: Crítica da Economia Política - Livro 1, Volume 1. São Paulo: DIFEL, 1982 (7a. ed.). Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf>. Acesso em: 22/12/2016.

MARX & ENGELS. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo: Moraes, 1983. [há uma edição mais recente: MARX e ENGELS. **Textos sobre educação e ensino**. São Paulo : Centauro, 2004]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/ano/mes/ensino.pdf>>. Acesso em: 22/12/2016.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. **Gestão do trabalho docente: o “dramático” uso de si**. Curitiba, Editora UFPR, 2009. Disponível em:

<<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/7854/30216>>. Acesso em: 26/12/2016.

PARO, Vitor Henrique. Parem de preparar o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In: BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. **Ciclo de conferências da constituinte escolar: projeto político-pedagógico**. Belo Horizonte: SME 2000. p. 1-17. (Caderno temático, n. 4). Disponível em: <<http://www.vitorparo.com.br/trabalhos-publicados/capitulos-de-livros/todos/>>. Acesso em: 26/12/2016.

_____. **Trabalho docente na escola fundamental: questões candentes**. Cadernos de pesquisa, v.42 n.146 p.1-26 maio/ago. 2012.

_____. **Administração escolar: introdução crítica**. 17 ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2012 a.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

SILVA, Helena Narciso da. **Trabalho docente: dilemas e desafios na sociedade atual**. UnB. s/d.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977. Disponível em:< <https://pt.scribd.com/doc/78898381/Vasquez-Filosofia-Da-Praxis>>. Acesso em: 26/12/2016.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projeto e relatórios de pesquisa em administração**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VIEIRA, J.S.; FONSECA, M.S. Natureza do trabalho docente. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

APÊNDICE I - Roteiro de Entrevistas com os Professores.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CSHNB
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

INSTRUMENTO DA PESQUISA ENTREVISTA ESTRUTURADA

Caríssimo professor (a),

Com o intuito de refletir sobre a concepção da práxis da produtividade educativa no ensino público da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade, e, analisar sobre o conhecimento e o reconhecimento da gestão do trabalho docente e o sentido que os professores dão aos fatores que proporcionaram a construção e formação de uma escola pautada na práxis docente. E como diria Lima (2016) somos regidos pelo capital (mundo mercadológico). A escola deixa de ser de direito para ser um bem de consumo, ou locus produtivo, não apenas de saber, mas de mão de obra para o mercado! Que se pauta de forma discursiva em educação de qualidade para todos, ou melhor, qualidade mercadológica. Dessa maneira, solicitamos vossa colaboração como interlocutora de nosso estudo, participando do questionário estruturado, para realização do nosso Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, sob orientação do professor Me. Romildo de Castro Araújo. Sua contribuição é importante.

Agradecemos sua colaboração e disposição.

Aluna: Francisca de Assis de Sousa
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Questionário Estruturado.

1- Qual é a concepção de produtividade no ensino (a escola como lócus produtivo, não apenas de saber/conhecimento, mais também como produtora de mão de obra para o mercado) que se veicula no interior da instituição de ensino a qual você faz parte?

2- Você se considera um proletário do sistema educacional ao qual pertence já que vende sua força de trabalho em prol de um salário e o salario que você ganha é condizente a carga/horaria e a sua qualificação profissional? Justifique.

3- A escola em que você trabalha funciona ou segue o modelo fabril, advindo da sociedade capitalista (produção de novos proletários, em que a mesma se torna mercadoria). Explique como se dá esse funcionamento?

4- Sabe-se que vivemos no mundo capitalista, e, já que somos regidos pelo capital, faz-se necessário que, você como docente mensure os fatores que proporcionaram a construção e formação de uma escola pautada na práxis docente?

5- Qual é o sentido que você como docente vê na práxis docente e educativa no ensino difundido pela instituição de ensino a qual faz parte?

6- Caso a instituição em que você trabalho tenha um ensino pautada na práxis docente gostaria que ressaltasse o papel social docente no funcionamento dessa dinâmica de ensino?

7- Qual é a função social dos sistemas avaliativos, como é o caso da Saepi, usados no interior da escola em que você trabalha para a manutenção ou presença da práxis docente e educativa no ensino.

8- Quais são os maiores desafios e/ou dificuldades na realização do seu trabalho, ou melhor, como acontece a gestão de seu trabalho?

9- Quais são as qualidades de suas aulas e que tipo de educação você está oferecendo aos seus alunos?

10- Em quantas escolas você trabalha e em quantos turnos e mesmo que você trabalhe em apenas uma escola gostaria que você dissesse o porquê o professor vê-se obrigado a trabalhar em mais de uma escola e qual a relação dessa necessidade com práxis docente e educativa no ensino?

MUITO OBRIGADA!

APÊNDICE II - Ficha Classificatória com as Entrevista com os Professores

FICHA CLASSIFICATÓRIA 01: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

Gestão do trabalho docente no município de Ipiranga-PI, na atualidade.

| PESQUISADOR A: | Qual é a concepção dos professores sobre a gestão do trabalho docente no município de Ipiranga-PI, na atualidade? |
|---------------------------|--|
| PROFESSOR (A) Nº 1 | “Muito tem se falado, sobre qualidade de ensino e a produtividade da escola, no entanto, seria uma visão restrita do processo educativo pensar buscar uma alta produtividade sem levar em conta a qualidade do processo de ensino aprendizagem. A concepção da produtividade deve ser buscada, então, através do aumento da qualidade do ensino. [...] Se entendermos que a educação como um todo cumpre uma função social, não podemos considerar o professor como um mero proletário do sistema educacional, em que a educação é “mercadoria”. Mais para isso é preciso que haja mais condições de trabalho entre elas a valorização econômica, social e cultural da profissão”. |
| PROFESSOR (A) Nº 7 | “Sou um educador que trabalha por amor, embora seja essa classe desvalorizada, onde o professor se qualifica, não para de estudar, mais não tem os seus direitos adquiridos”. |
| PROFESSOR (A) Nº 2 | “Ser entendida como um ensino pautado na ideia de produção de conhecimento através da criação de situações desafiadoras que leve o educando a pensar, refletir e produzir”. |
| PROFESSOR (A) Nº 5 | “A práxis é o fundamento do conhecimento. É importante a prática do professor esta associada a este conhecimento, já que a mesma está relacionada à transformação social”. |
| PROFESSOR (A) Nº 7 | “Trabalhar o desenvolvimento integral de seus alunos e articular oportunidades educativas capazes de atendê-los, envolvê-los nos projetos políticos pedagógicos da escola, buscando identificar suas necessidades de desenvolvimento no nível intelectual, físico, emocional, social e cultural”. |
| PROFESSOR (A) Nº 8 | “Na verdade não existe aluno sem professor, há uma ligação, interação professor/aluno. O professor é mediador da aprendizagem e o aluno é o sujeito social que atua na construção de seu próprio conhecimento que será e repassando de geração em geração”. |
| PROFESSOR (A) Nº 1 | “A preocupação da escola, nesse sentido, é a de fazer com que o aluno apropriando-se de seus valores humanos e conhecimentos acadêmicos torne-os significativos tanto para si quanto para os outros, tornando - se uma pessoa consciente e responsável pela transformação da realidade em que está inserido”. |
| PROFESSOR (A) Nº 2 | “Os professores ainda são vistos como educadores (indivíduos com poderes de transformação da sociedade), transmissores não só de conhecimentos científicos, mais também de valores importantes na formação do individuo”. |
| PROFESSOR (A) Nº 2 | “Um ambiente de aprendizagem com as ferramentas necessárias para a construção do conhecimento onde haja interação entre aluno/professor, aluno/aluno, com atividades dinâmicas e produtivas”. |

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

FICHA CLASSIFICATÓRIA 02: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

Fatores que indicam a existência da práxis docente no trabalho docente na rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade.

| | |
|----------------------------------|---|
| PESQUISADORA: | Quais são os fatores que indicam a existência da práxis docente no trabalho docente na rede municipal de educação da cidade de Ipiranga-PI, na atualidade? |
| PROFESSOR (A) Nº 8 | “Para que a escola tenha práticas docentes, é necessário que gestores, equipe pedagógica, funcionários, alunos e juntamente com a família, trabalhem juntos e de forma integrada, articulada e planejada”. |
| PROFESSOR (A) Nº 5 | “O docente deve inserir no processo educativo (dia-a-dia) modificadores da realidade, através da ação coletiva”. |
| PROFESSOR (A) Nº 1 | “Dentre alguns fatores que indicam a existência da práxis docente no trabalho docente, podemos citar: altos índices de atendimentos, repasse do conhecimento sistemático, o domínio das tecnologias, a ideologia da empregabilidade e competitividade, enfim uma concepção educacional voltada para uma preparação eficaz para o trabalho”. |
| PROFESSOR (A) Nº 9 | “os sujeitos que o sistema de ensino prioriza formar deve ser antes de tudo, produtivos e funcionais ao sistema”. |
| PROFESSOR (A) Nº 6 | “em alguns momentos os docentes precisam quebrar esses conceitos rígidos e desiguais que tratam o individuo como algo insensível, que deve apenas absorver tudo que lhe é repassado”. |
| PROFESSOR (A) Nº 4 | “Apesar de sermos favoráveis em um modelo gerencial, para a escola precisamos de uma nova cultura corporativa com a remuneração composta de uma parcela linear e outra variável atribuída em razão de horas de estudo docente/anualmente, aprovações de alunos internamente, indicadores aferidos por instituições externas”. |
| PROFESSOR (A) Nº 2 | “[...] O profissional da educação (professor) tende a ser visto pela sociedade como um simples operário, onde sua obrigação é repassar o conhecimento científico necessário para a sua carreira estudantil. Mesmo que considere o meu salário condizente com a minha jornada de trabalho, mas não com a qualificação profissional, pois estudamos muito até chegar a uma especialização e somos mal remunerados, enquanto que outras áreas são melhores remuneradas e nem exige tanto”. |
| PROFESSOR (A) Nº 10 | “Os maiores desafios na realização do meu trabalho é o salário não condizente com a carga horaria, ainda é necessário estar em três redes de ensino para ter uma renda que ofereça o mínimo de conforto. [...] Trabalho em três escolas, nos turnos manhã, tarde e noite. Essa carga horária excessiva, sem exclusividade de rede, são os salários oferecidos que não permitem uma qualidade de vida razoável”. |
| PROFESSOR (A) Nº 1 e Nº 7 | “Trabalho em duas escolas. Tendo oportunidade muitos docentes atuam em mais de uma escola devido à falta de valorização econômica do profissional. Acredito que para aprimorar o processo o foco deve estar no desenvolvimento de políticas que valorize o trabalho do professor e signifique melhor aprendizagem para os estudantes”. |

| | |
|----------------------------|---|
| | “[...] o professor trabalha em mais de uma escola pelo fato de viver em um mundo capitalista, onde para sobreviver você tem que se sobressair em várias situações em busca de melhores salários”. |
| PROFESSOR (A) Nº 2 | “[...] a necessidade de por conta do salário que embora tenha melhorado nos últimos anos ainda é insuficiente para proporcionar um padrão de vida confortável. Acho que os bons profissionais, realmente comprometidos com a função que exercem não deveriam se submeter a cargas horárias excedentes por conta de salário, pois além de comprometerem sua saúde acabam também comprometendo a qualidade do serviço prestado, isso deveria ser impedido pelas autoridades competentes. E estas deveriam valorizar mais e pagar melhor para poder garantir e cobrar um serviço de excelência. [...] E tudo isso é necessário não somente amor a profissão, mas sim, para conseguir um melhor salário”. |
| PROFESSOR (A) Nº 10 | “as trocas de experiências, o planejamento em conjunto com o Projeto Político Pedagógico, a pesquisa e principalmente o conhecimento da escola e da comunidade onde está inserida” como sendo fatores que indicam a práxis docente no exercício da docência”. |
| PROFESSOR (A) Nº 6 | “todo sistema de ensino está engessado pela burocracia e debates ideológicos, tendo em vista que no Brasil a educação não é a prioridade nas ações governamentais”. |

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.

FICHA CLASSIFICATÓRIA 03: Entrevistas coletadas pela pesquisadora.

Reconhecendo sentidos: por que formar para o trabalho?

| PESQUISADORA: | Por que formar para o trabalho? |
|----------------------------------|---|
| PROFESSOR (A) Nº 10 | “Apesar de tentarmos fazer o aluno agente do processo de ensino aprendizagem, agentes críticos e transformadores da realidade que o cerca. Seguimos o modelo fabril, quando aderimos a uma grande curricular, quando adotamos o sistema de avaliação e por fim quando seguimos um modelo de ensino”. |
| PROFESSOR (A) Nº 1 | “Tendo em vista a sociedade capitalista a qual vivemos é comum relacionarmos a educação e o nível de escolaridade com o sucesso que a pessoa pode conseguir ao longo de sua vida. Porém, é importante relacioná-lo também com o pleno desenvolvimento do educando”. |
| PROFESSOR (A) Nº 5 | “a concepção de práxis docente de ensino que ainda veicula-se no interior da escola é produzir mão-de-obra para o mercado”. |
| PROFESSOR (A) Nº 7 e Nº 9 | “Entendo como produtividade de ensino, quando o aluno aprende, adquire conhecimento, e está preparado para o mercado de trabalho”. Logo, o professor nº 9 acrescentaria que “escola prepara sim os alunos para o capitalismo, e é por isso que se tornam adultos que só pensam nos lucros”. |
| PROFESSOR (A) Nº 9 | “A escola e o docente, ainda hoje, posicionam-se no papel de capacitar as crianças e os jovens a serem adultos bem inseridos na sociedade, cumprindo seu papel de bons cidadãos [...], ou melhor, formação e preparação de crianças e adolescente (jovens) para atender a demanda do mercado de trabalho”. |
| PROFESSOR (A) Nº 3 | “preparar os educandos para prosseguir e ir à busca de seus objetivos”. |
| PROFESSOR (A) 11 | “A escola prepara para o mercado de trabalho quando apresenta uma concepção de práxis docente voltada para preparar significativamente os alunos para atuarem-nos mais altos cargos do mercado de trabalho, tanto é que o que é mais visto em tempos de resultados de vestibulares são os outdoors fazendo propagandas para as profissões: médico, advogado, engenharia. A escola pública ou privada que é vista como a melhor é aquela que aprova mais para esses cargos”. |
| PROFESSOR(A) Nº 10 | “deixar a escola competitiva, em igualdade com outras que oferecem a mesma modalidade de ensino, permitindo que nossos alunos de forma interdisciplinar desenvolvam o senso crítico e tenha êxito em suas escolhas”. |

FONTE: Dados coletados pela pesquisadora.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(X) Monografia
() Artigo

Eu, **FRANCISCA DE ASSIS DE SOUSA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação “O TRABALHO DOCENTE E A FORMAÇÃO PARA O MERCADO: UMA ANÁLISE DA PRÁXIS DOCENTE NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA CIDADE DE IPIRANGA PI” de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 19 de abril de 2017.

Francisca de Assis de Sousa
Assinatura